O Gaiato

Visado pela Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI — N.º 412 — Preço 1$00
26 DE DEZEMBRO DE 1959

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

FACETAS DE UMA VIDA

Os companheiros de África, rapazes daquele tempo, «Encanecidos» de hoje, ofereceram-nos algumas recordações do Américo.

Não foi uma história seriada, que então ninguém sonhava que viesse a ter tanto interesse tudo o que falasse daquele rapaz, bom, generoso, mas ainda suficientemente igual aos outros para se não destacarem nem guardarem todas as memórias.

Há já relâmpagos na sua vida. Há-os desde criança. Mas só a vida futura; só a plena consumição da sua vida no exercício da missão para que Deus o criou — só ela explica o mistério desses relâmpagos.

O tempo é o grande fautor da História. É por isso que a Igreja não tem pressa em fazer a História. Esta é o relato do caminhar incessante dos homens para Deus. O fim da História é o regresso a Deus de Cristo com a Humanidade redimida pelo Seu Sangue. O último predestinado escreve a última página da História. Depois não há mais História. É, de novo, só, a Eternidade.

Creio que não será fácil fazer a história de Pai Américo sem a longa reflexão que só o tempo dá. É preciso que a perspectiva se afaste para que o objecto seja totalmente visto, tanto mais quanto maior ele é. Por isso tão demorada a biografia dos santos, a canonização dos santos. Só os precipitados as precipitam. Mais ninguém. Menos que todos a Igreja.

Entretanto vamo-nos alimentando dos relâmpagos que brilham na vida de Pai Américo, até que toda ela nos apareça una; até que a luz seja um feixe contínuo que penetre as próprias trevas.

Hoje a palavra é do próprio Pai Américo. Uma carta preciosa como todas as deste tempo, que o destinatário guarda religiosamente. Já publicámos algumas. Mesmo um trecho desta. Porém, como ela, de certo modo, marca a despedida de África, aqui a damos na íntegra:

CONFORME lhe dizia na m/ última, duas palavras ao s/ telegrama não se podiam decifrar, razão porque tive que o mandar repetir e aqui lhe envio incluso a tradução, bem como cópia do meu, em resposta. Conquanto a construção do telegrama não me pareça ser muito compreensível, sobretudo no «fxed immediatetly», eu compreendo bem o que v/ quer dizer e sobretudo fico sabendo que já pôs em prática aquilo que tencionava fazer, mais tarde ou mais cedo.

V/ pergunta-me se eu quero ir trabalhar consigo e quais as condições. A primeira pergunta não tem resposta e sobre a segunda é-me impossível responder, porque não tenho elementos de espécie alguma pelos quais me possa guiar, no sentido de fazer um juizo das necessidades, ou melhor, do custo da vida nessa terra.

Por consequência, v/ sabe perfeitamente a forma como eu vivo e também sabe o que me é preciso para nessa terra eu poder fazer à minha vida de sempre. Não me importo de viver num hotel os primeiros tempos, mas logo que se ofereça ocasião preciso ter casa própria ou viver numa casa onde tenha mais conforto do que o simples quarto do hotel, isto porque como v/ muito bem sabe, eu faço sempre vida de casa.

Dito isto, passo a ditar as condições que para mim vêm em primeiro lugar e que são estas:

1.ª) Quero ter na nova Casa trabalho de certa responsabilidade, não importando a qualidade.

continua na página três

TRIBUNA DE COIMBRA

Que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem o Pai que está no Céu.

É um conselho que o Senhor Jesus deu naquele tempo aos que O escutavam. É conselho que temos seguido ao dar testemunho das boas obras; aliás, ficaríamos no silêncio. Que do nosso testemunho toda a honra e toda a glória seja para Deus.

Quando da vinda da Imagem Peregrina de Nossa Senhora para a diocese e cidade de Coimbra, alguém levantou a voz a pedir uma casa do Património na cidade. Logo nessa altura algumas foram construidas e entregues. Chegou a falar-se num bairro, mas isso parecia impossível.

Passados anos e no regressso de Nossa Senhora à Cidade-Mãe da diocese vamos ter a grande consolação de entregar a vinte famílias pobres a sua habitação airosa, limpa, apta a ser santuário de almas. Vai ser um grande acto da cidade e da diocese, acto de homenagem e gratidão à Mãe do Céu que, na sua Imagem, andou a visitar seus filhos.

A Imagem de Nossa Senhora chegará a Coimbra no próximo mês de Fevereiro e aqui permanecerá algumas semanas. Será nessa altura, em dia a marcar, a entrega das casas. Foi assim que combinei com o Senhor Arcebispo.

Vamos todos trabalhar para que tudo esteja pronto. Isto mesmo eu pedi em 13 de Novembro ao Senhor Presidente da Câmara e ao Senhor Presidente dos Serviços Municipalizados.

*Há ainda muito que fazer. Muito que depende dos meus queridos leitores conimbricenses. As casas estão prontas, mas vazias. Temos de as encher de conforto: camas, mesinhas, cadeiras, utensílios de cozinha, louças, roupas, mercearia, tudo o que seja necessário ao viver honesto duma família nossa irmã. Ninguém me venha dizer que isto não se consegue, porque não acredito. Mais é o que já está feito. Quem havia de acreditar? Basta lembrar os títulos das placas que foram publicados há pouco. Que hino de amor e de beleza e de presenças! Até ao meu grito de tristeza, **por lá não ficar** a casa do clero! Alguém telefonou nesse mesmo dia a dizer que podia mandar fazer a placa, pois tomava o compromisso. E muitos sacerdotes têm acorrido, com pena de não saberem há mais tempo.*

Mas ao lado dos títulos quantos heróis desconhecidos? Quantas mãos escondidas? Quanto pão tirado à boca? Quantas renúncias interiores? O senhor que já deu materiais no valor de cinquenta e seis contos; os que deram todo o azulejo para as casas de banho; o que pôs à nossa disposição o ladrilho necessário para as cozinhas, átrios e casas de banho; quarenta lavatórios e tudo o mais que se tem ido buscar a uma fábrica; cem quilos de tinta da Robialac; e tanto que tem vindo de que nem temos dado conta!

Se todos os nossos leitores saboreassem o dom de Deus que é o dar com generosidade, quanto bem poderíamos fazer aos nossos irmãos e quanta glória daríamos ao nosso Bom Deus! Mas há muitos cristãos que fazem da sua vida de religião uma vida de orações-inhas e mais nada. E isto é muito pouco.

Então não esqueças esta minha lembrança e votos de um Natal Feliz em Deus.

Padre Horácio

Um Ultimatum

Nem mais nem menos! Um ultimatum do Cândido Pereira. Os leitores do Sul façam favor de ler e de o ealar. O endereço é:

OFICINAS GRÁFICAS
Casa do Gaiato

Tojal — Loures

«No nosso jornal (muito bom desde que eu vim) já devia ter vindo, dentro de uma cercadura, pedido de trabalho para a Nossa Tipografia. Não é preciso eu mandar. Daniel mais Júlio sabem muito bem como essas coisas se fazem. Espero que no próximo os meus olhos deparem com esse pedidozinho.

Cândido»

30.000X 20$00=50 CASAS

Campanha também festejou o seu aniversário.

Foi na Festa de Cristo-Rei de 1958, que o Senhor sugeriu a «uma assinante» a ideia desta campanha que é, sem dúvida, pró-alargamento do Seu Reino.

Naturalmente, mais do que ninguém, a fundadora desta coluna não poderia esquecer a data e ei-la com suas notícias:

«Junto envio a importância de 20$00 para a campanha das 50 casas.

Fez no dia de Cristo-Rei um ano que estando a pensar no problemas dos Pobres que vivem em barracas ou em buracos, Deus me inspirou a campanha dos 30.000×20$00=50 casas.

Escrevi então a vossa Reverência uma carta cheia de esperança a sugerir esta campanha. Passado tempo vi publicada no Gaiato esta notícia que quase me passou despercebida e fiquei triste pensando que o Snr. Padre não achasse muito bem esta sugestão. Mas passado pouco tempo e durante todo o ano ela obteve tão bom acolhimento e despertou tantas consciências que podemos dar graças a Deus.

Se ela não deu os resultados práticos que esperava, isto é, as 50 casas duas vezes por ano, não devemos desanimar. Deus não nos abandonará pois desejamos ajudá-Lo nas pessoas dos pobres. Agora que passou um ano não podemos parar. Vem aí o Natal e todos devemos dizer presente. Aqueles que não possam contribuir com dinheiro, que o façam com orações, pedindo a Deus que desperte as consciências daqueles que tanto podiam fazer e que não se lembram que Cristo nas pessoas dos pobres sofre o frio, a chuva, a doença e a fome numa barraca ou numa furna.

Temos que não esmorecer nem desanimar pois nisto está interessada a salvação de muitas almas.

Pai Américo nos ajudará e pedirá a Deus para que os pobres tenham as suas casas, condição 1.ª para uma vida moral sã.

Uma assinante»

Outros porém, se inquietam por lhes parecer «que está a faltar entusiasmo na campanha». E então fazem *mea culpa*, como este «Pobre Pecador»:

«Eu sou um dos culpados porque tendo tomado conhecimento dela logo no início, só agora venho dar a minha contribuição — 100$ pelas 5 pessoas e+40$ de multa em que me condenei pela demora.

É preciso que a Campanha prossiga até... não se sabe quando; pode mesmo prolongar-se sem limitação de tempo. Eu prometo voltar de vez em quando, se Deus quiser, ainda que tenha de fazer algum sacrifício».

Mas há sempre o grupo fiel dos *tocados*, que não resistem à Graça, e aí estão *livremente* comprometidos: «com as cotas das 50 casas desde Agosto até ao fim do ano»; ou a comprometer-se: «quero me considere devedora para com a Campanha, a contar de Janeiro passado»; ou a penitenciar-se: «Junto, incluso 20$, mais 20$ como *multa* voluntária pela minha falta (o atrazo)».

Outros canalizam para este alvo do amor do próximo as suas promessas. Ah! se os nossos cristãos se despejassem de uma piedade iluminada a cera (quando não a estearina...) e a vivificassem à luz da Luz, que é também Verdade, Vida, Pão descido dos Céus para alimento dos famintos!...

Assim, tanta inconsciência que ainda lavra nesta «fidelíssima» Nação de 99% de católicos, onde o SS.mo Nome de Jesus é a mais, os quais julgam ir direitinhos ao Céu à luz da vèlinha, ou sob o orvalho de água benta, na ignorância *formal* dos irmãos que têm fome e sede e frio e doença e cativeiro, e esperam uma palavra, um gesto de amor eficaz. Quantas surpresas naquele dia, «dies irae»!

Uma festa de confraternização desmanchou-se, pela doença do seu organizador, e aí vem este com a importância já cotizada. Há males que vêm por bem! E sinceros desejos de melhoras.

E aqui vai o saldo que o «Esticadinho», meu contabilista nesta jornada, me fornece: 3.963$.

É pouco! Realmente parece que o entusiasmo esfriou! Os resultados práticos não são o que desejava a fundadora desta coluna e o que ela chegou a esperar.

Porém, eu teimo que esta hora é de acção de graças. Tanta alma tocada! E uma só que fosse, que valor incomparável com aqueles que o «Esticadinho» me pode calcular!

E a documentar esta predominância, eu deixo aqui outro saldo: dois testemunhos de aspirações de altura.

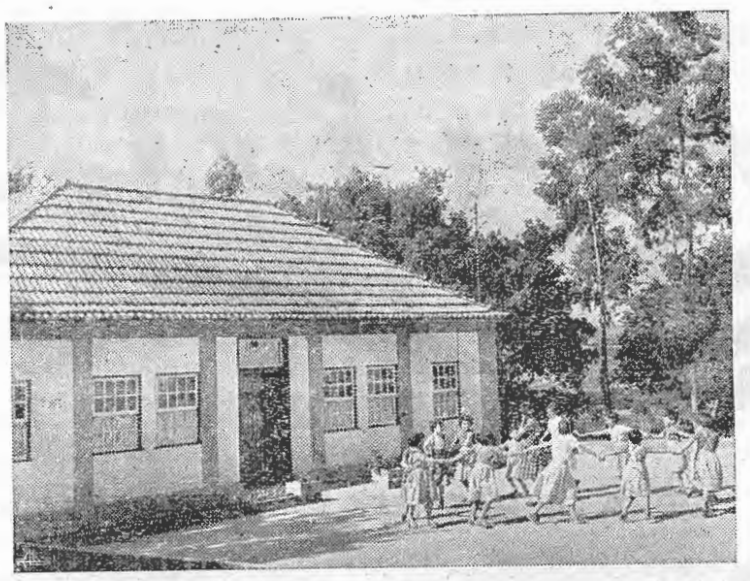
«Sou profundamente admiradora da vossa Obra e para ela desejo de todo o coração a Benção do Senhor, assim como desejo que o Senhor faça com que eu sinta na minha alma e na minha carne o sofrimento dos meus irmãos em Cristo, para que consiga libertar-me do egoísmo que me absorve a vida, deixando-ma vazia».

e

«Muito gostosamente lhe envio 100$00, para a campanha dos 30.000×20$, pedindo ao Pai Américo a sua intercessão, junto de Deus, em favor da pureza da minha alma.

Rogo-lhe, Senhor Padre, que me recorde nas suas orações.

Um grande pecador que, no entanto, reconhece que só Deus é a Verdade, o Caminho, a Luz».



Belém. Elas jogam à rodinha. Ó mundo põe a mão nos erros que cometes. Estás sempre a tempo de rectificar. Torna teus os filhos de Ninguém!

B · e · l · é · m

Trazer à memória as circunstâncias do nascimento de «Belém» é para mim a melhor maneira de celebrar o seu primeiro aniversário.

Então eu dava aula numa aldeia do concelho de Viseu, aonde vinha passar só os fins de semana. Este tempo livre gastara-o, durante Outubro e Novembro, em procura de casa. Como não tivesse encontrado o que pretendia e não querendo desistir de receber as primeiras crianças na noite de Natal, estava já resolvida a meter-me em qualquer canto, convencida de que a desejada casa viria depois, por acréscimo. Mas o Senhor tinha outras disposições e deparou-nos a casa onde nos encontramos.

Combinadas com a Senhoria umas ligeiras reparações e uma caiadela, achámos que tudo podia ficar pronto em 15 de Dezembro. Porém, o tempo não nos foi favorável.

Cheguei das aulas na tarde de 22 e vim encontrar a casa só meia limpa e cheia de humidade. Urgia dar-lhe algum jeito e no dia seguinte para lá levei uns trastes que haviam constituido o recheio duma minúscula casa de campo que eu habitara durante alguns anos da minha vida de professora de aldeia. E vieram as quinze lindas caminhas que haviam chegado de Avanca há quase oito dias.

Quando o Senhor Padre Horácio chegou com as quatro fundadoras, na tarde de 23, a casa ainda se encontrava em estado de desconforto e desordem.

Elas vinham radiantes com a viagem e haviam passado quase todo o caminho cantando. E agora, mal saltam da carrinha, correm pela mata, aos pulos, como cabritos monteses e assaltam, sem cerimónias nenhumas, a casa dos caseiros da quinta: «Ó minha senhora, dê-nos aí uma pinguinha de água, que vimos mortinhas de sede!» Eles ficaram um tanto atordoados. Esperavam umas pequeninas chorosas e tímidas, ao jeito das nossas aldeias, e afinal aparecem estas, barulhentas e atrevidas!...

O Senhor Padre Horácio faz a apresentação: «Aí as tem!» (E solta um suspiro de alívio). «Eu **com raparigas não me entendo!** Nos poucos dias que as tivemos em Miranda iam-nos pondo os miolos em água! Os rapazes são melhores de «curar».

Ao lado, os gaiatos que o haviam acompanhado, sorriam, lisongeados.

E eu sorri também, optimista!

Dos poucos apetrechos de cozinha que já havia, faziam parte dois fogareiros, um a petróleo, outro a carvão. O pior é que ainda não houvera tempo de ir pelos combustíveis. Tomei por isso, a decisão de pedir aos caseiros que lhes fizessem a ceia, dando eu os géneros necessários.

A Senhora Maria, que já andava na cozinha, à volta das panelas, respondeu: «Ora, coitadinhas das meninas! Bem basta o mal delas! Hão-de comer do nosso caldo e não queremos cá nada».

E o Senhor Adelino fez, lá do canto onde se encontrava sentado, à espera da ceia, a seguinte observação: «Olhe, minha Senhora! Eu sou pobre mas tenho seis filhos que, pela graça de Deus, nunca souberam o que seja fome. Mas se tivesse dez, também os havia de criar».

As quatro depressa se chegaram ao calor da lareira! Mergulharam os pés na cinza tépida, estenderam as mãos de dedos abertos em leque para a chama viva e, com o seu estouvamento, daí a pouco, era vê-las todas enfarruscadas!

Farruscas sem magusto não têm graça nenhuma — pensei eu. E fui buscar umas castanhas que me tinha dado minha Mãe.

Ó alegria!

— Gostais de aqui estar?

— Gostamos, muito!

Era já noite fechada. As pequenas depressa mergulharam nos lençóis rescendentes a fumo e resina, que haviam sido enxutos à lareira, e adormeceram na paz do Senhor.

Então peguei no meu lampião e dirigi-me à sala grande que viria a ser o refeitório. A um canto várias mesas e armários de pinho, ainda em branco. Sobre uma destas mesas, as dádivas dos primeiros que haviam marcado presença, em cartas, vales e cheques. Nas cartas pude ler frases lindas e cheias de poesia como esta:

«Imagino Belém um lar acolhedor, resplandecente de luz e flores e quero ajudar a embelezá-lo enviando-lhe estes naperons»...

Olhei para o outro canto da sala, onde se amontoavam várias encomendas do correio. Lá se deviam encontrar também os tais naperons! Mas, para que procurá-los se não havia ainda onde os pôr?!

No dia seguinte pouco mais pude fazer do que cuidar das quatro pequenas.

«O que fizerdes a um destes pequeninos, é a Mim que o fazeis».

E percebi que a minha vida de cristã começava a tomar uma forma nova.

Inês — Belém — Viseu

COBERTORES

Desde que Deus chamou a Si o «Senhor dos ditos», ninguém quis aparecer em seu lugar. Era uma tradição piedosa de resultados tão prestáveis ao Próximo!

Para falar só aqui do norte — P.e Baptista não há quem no baste com o frio dos seus doentes; as Senhoras das Casas do Gaiato de Beire e Paço de Sousa e a do Lar do Porto «choram-se», que as lavagens dão cabo deles e «há muitos no fio»; às nossas portas a procissão dos Pobres nunca para. A maior parte deles, aqui ou na cidade, cobre-se de trapos. Há-os tão pobres, que nem para tecê-los em mantas têm com quê. Um cobertor; um chale—ó riqueza!

Ainda ontem, saía eu muito quentinho do almoço, e dou com uma vèlhinha que me esperava. Uma blusita de flanela comida pelo uso, era o seu resguardo. «Se houvesse um chalinho?...» De dia usam-nos pelas costas. À noite é a melhor coberta da cama de um Pobre.

Quem nos dá desta riqueza?!

Facetas...

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA UM

2.º) Quero que v/, já não digo garanta, porque isso é impossível, mas que me dê probabilidades de fazer da sua nova Casa o futuro da minha vida, sem mais preocupações de pensar em emigrar para terras d'África.

Entende o que eu digo, não é verdade? Não vamos discutir vencimentos. Eu bem sei que no Funchal não se podem pagar os vencimentos de Lourenço Marques e muito menos o meu, o qual, se tomarmos por base o câmbio actual, sobe a cinco contos por mês. O que eu pretendo é que v/ me pague o suficiente para eu poder vivèr bem e com conforto, ir ao Continente de vez em quando, fazer o tratamento com as águas de Caldelas, e me garanta muito trabalho. Trabalho de vulto e de responsabilidade, que me dê que pensar para assim nós podermos discuti-lo.

Eu não tenho a minha vida de molde a largar desde já Lourenço Marques, mas vou desde já tratar de a pôr em condições de me ser possível seguir logo que tenha uma resposta sua a esta minha carta. E devo dizer-lhe que me merece inteira confiança a sua empreza, pelo muito que o conheço e pelo muito mais que há a esperar do seu nome e da sua reputação. Devo mesmo dizer-lhe que mostrei o s/ telegrama ao Azevedo e este disse-me isto: — «Eu tenho pena de v/ deixar a firma B&W., mas com o Neves vai-se para toda a parte e essa proposta merece ser ponderada». — Foi isto que dele ouvi, por consequência ele deixa-me ir em qualquer altura, sem ser necessário dar os 30 dias da praxe comercial.

Por outro lado, eu espero que v/ não fará grande sacrifício em estar estas semanas sem o meu auxílio, se bem que, justamente desde o início da sua nova casa, v/ precisaria mais de auxílio de quem quer que lhe mereça confiança.

Uma coincidência engraçada: Há aí um negociante de nome Freitas Martins que esteve aqui o ano passado e que me fez muitas festas, dizendo que simpatizou muito com a pessoa e que desejaria imenso ver-me no Funchal. Ele viajava no vapor «Winfried», com a mulher, em viagem de recreio. E pelos modos, a cousa ageita-se!

E aqui fica tudo quanto de momento se me oferece dizer-lhe. Se tudo correr como eu desejo, quero dizer, se a sua carta me confirma as duas condições que aqui deixo e que não representam sacrifício algum para a sua pessoa, eu conto largar nos fins de Janeiro, pelo Cabo, para assim aí chegar mais depressa.

Américo de Aguiar»

CHALES DE ORDINS

O amor verdadeiro não envelhece. Aumenta, à medida que o tempo passa. Se fosse uma afeição só nascida dos sentidos, seria fogo de pouca dura e levaria às maiores baixezas e loucuras. Não é também a riqueza que dá a felicidade aos lares. A quantos não trouxe ela a dor e a desunião! Os dois, vivendo numa só carne, hão-de ter um só ideal, «olhar juntos na mesma direcção». Será preciso amoldar o feitio, deixar caprichos, vencer dificuldades. Mas encontra-se a felicidade, procurando-a, antes de tudo, para o outro consorte. É feliz aquele que faz a felicidade de outrém. Recebe, no momento em que dá. O homem e a mulher que unem seus destinos temporais pelos laços sagrados e indissolúveis do matrimónio, para mais fàcilmente amarem a Deus, hão-de ter a mesma fé religiosa, Fé operante. Quando assim não suceda, há uma brecha na felicidade matrimonial. Os esposos uniram destinos terrenos. Almejam o mesmo destino eterno, a posse e a fruição de Deus no Céu. Mas se um vive em desacordo com a sua fé, como alcançará a bemaventurança eterna? E como há-de assim, a parte fiel sentir-se feliz? «Reze uma Avé-Maria pela conversão dum Chefe de família» — eis a prova de que a felicidade não é completa num lar, onde um dos esposos não vive a mesma Fé.

Uma vida longa é uma grande graça do Céu. Daí o sentimento de gratidão nas almas bem formadas. Da Beira: «em acção de graças pelo 83.º aniversário de meu Pai, envio 500$, pedindo a V. o favor de destinar 300$ para 4 chales pequenos para outras tantas crianças das mais necessitadas, 100$ para outras necessidades de Ordins e os outros 100$ para Belém».

Do Porto 120$ para um chale médio. Para Santarém foram dois. Mogadouro vai colocar um no sapatinho da noite de Natal. A Coimbra dos doutores segue. Outra vez o Porto. A dois passos vai Ermezinde. Braga oferece um a uma criada que vai casar. Viseu agasalha dois Pobres. Como nos mais anos, assim neste segue aqui Alcobaça. Para Lisboa um ror deles. «É uma criada, e assim consigo o meu 6.º chale... Faz-se o que se pode!» Assim escreve quem desejo ver por cá muitas vezes.

O Governo Civil do Porto veio por 5.000$ deles. A Assistência de Malveira da Serra de Cascais, quis um orçamento para 20 deles. A Comissão Municipal de Assistência de Seixal veio por 5, mas pretende um mínimo de 100. Para a M. P. F. da Fontinha foram dois. Se os outros centros da Mocidade nos quisessem ajudar...

Moreira de Rei, uma vez mais, veio até cá. Para o Porto foram três. Lisboa e Paço de Sousa aqui vão.

Chegaram ecos dos últimos «Chales» à Praça de Damão, na capital, e logo nos chegaram 300$ «é para o déficit da Conferência... ou para tapar um outro buraco mais urgente, conforme achar melhor...» Cheio de buracos, vou tapar alguns, agora. Graças a Deus.

De Carviçais um mimo de roupas que fez a consolação de quem as deu e há-de fazer a de quem as vai receber. De Espinho, um pouco para telhas.

Padre Aires

VARANDA DE BEIRE

Ao cair da tarde, vistoso auto-carro despeja turba de visitantes no terreiro da capela. Ao colo dos gaiatos o Zèzinho é a atracção mais cativante de quem chega. Todos o rodeiam. Querem saber o nome, a idade, donde é, como foi aquilo das mãos, como foi aquilo dos pés. Um ror de perguntas. Nos olhos esbugalhados da multidão borbulham lágrimas, ante o espectáculo pouco vulgar de criança encantadora, deformada pela ausência das mãos e dos pés. Resultado imediato: começam todos a meter-lhe dinheiro no bolso. Quando me aproximo, o pequeno entusiasma-se: — «Olha, olha o bolso». De longe se vê que este está cheio, e bem cheio.—«Ele já sabe pedir» — acrescentam os outros admirados. Pudera, teve como mestra a avó! Ele contente e eu triste. Vou ao Alentejo libertar uma vítima da pedincha, para virem os senhores visitantes, na boa fé, retomar a tarefa de a ensinar naquilo que é vício nefasto. Nunca se entregue dinheiro à criança que o pede! É veneno que a mata. Pão sim, metal nunca. Eis o desejo que aqui formulo. Por causa do dinheiro praticam-se crimes, levantam-se conflitos, rebentam guerras. Por via do dinheiro, vivem consciências amarguradas, andam as cadeias repletas, e o mundo tristemente escravisado. Ditosos os que sabem libertar-se da nojenta mercadoria que é o dinheiro! Ora, não quero de modo algum que esta criança se afeiçoe à vida de parasita, solicitando quem passa, e muito menos que faça do dinheiro a razão do viver.

A maior riqueza da Casa do Gaiato de Beire

O pequenito olha-me agora muito espantado, porque dum só puxão lhe arranco o bolso, onde amealhara o fruto do mau hábito; mas jámais esquecerá por certo, que aquilo de pedinchar não é coisa boa, a menos que razões fortes no-lo imponham.

Ele bem me apetecia neste momento, mas fica para vez oportuna, o dizer que a roupa dos rapazes anda muito fraca. Hoje prefiro desfiar o pequeno rosário de donativos que desde o começo do ano nos veio minorar as dificuldades nesta tão esquecida Casa do Gaiato de Beire.

No dia primeiro 300$ de Lisboa e 50$ do Porto. Roupas de muitas e variadas origens: Covilhã, Porto, Trancoso, e Lisboa. Para as calças do Bolacha 250$. Para a lâmpada do SS. 50$, de Tavira. Para as merendas dos rapazes, dois cabazes de laranjas. Visitantes entregam notas de 20$, de 50$ e de 100$. Penafiel comparece três vezes com 100$. Cernache de Coimbra com o aumento de ordenado — 358$50. Coimbra com calçado. Beja com 100$ para o mesmo fim. Nazaré com igual quantia. F. da Foz com 120$. De novo Beja com 100$. Covas do Douro com pastas dentífricas. Moçambique com 50$. As «Abelhas» em subscrição amiga recolheram-nos 387$70. Por seu intermédio três colmeias do Porto, uma de Tomar com 40$, e enxame de abelhas do Lavradio.

Mais roupa para o Zé, para o Barrigana e pró Lélé. Assinaturas pagas, 930$. Promessa, 40$. Donativo anónimo, 10$. Em acção de graças 100$. Em sufrágio 50$, 25$. Para leitura dos afeiçoados, assinatura do Norte Desportivo.

Vem outra vez o Porto com 20$, Penafiel com 200$. Visitantes com notas muito dobradinhas e mudas. Leça com 200$. Esposende com 100$. Em sufrágio de entes queridos 1.700$ da Beira. Outros com a mesma súplica trazem 100$ e 50$ e 75$.

Gaia chamou-nos para nos entregar 5.000$ muito discretos. Lisboa fez o mesmo e deu-nos 1.000$. Alguém torna com donativo para a lâmpada do SS.. Gôndola envia roupas. Lisboa 120$. Sacerdote 20$. Amigos 50$. Engenheiro amigo 550$.

Bolas! Uma do Sporting e outra do F. C. Porto, e mais outra de senhora visitante assídua. «Para que Deus me ajude a levar a cruz, 100$». Sementes na Casa Alípio Dias. Cesto de figos à nossa porta. Escondida no meu livro da capela nota de 100$. Na Murtosa um rico piano com 500$. Bem haja Snr. Doutor! Nas Caldas da Rainha 150$. Em S. João da Madeira 150$ mais 100$ e mais 20$. Em Espinho um lobo da Alsácia, que bela guarda nos tem feito à nossa quinta.

Tornam visitantes. E quem dera que muitos fossem!

Pessoa amiga quer melhorar o almoço dos pequenos com 200$. Outra não quer que eu ande à chuva. Bem haja pelo objecto que dela me resguarda. A D. Assistência bafejou-nos com 24.000$.

Por tudo, louvado Deus.

Padre Baptista

O Gaiato

PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

A noite cai. Lá fora o vento sopra e faz o seu gemido como de costume. Na sala de jogos os miúdos brincam alegremente. O tempo põe-se cada vez pior, o vento agora mais forte que nunca, assobia por entre os vidros da janela. Os miúdos agora em grupo, ouvem a doutrina que lhes é ensinada. Doutrina verdadeira onde se evoca o santo nome de Deus. Aquele, pelo qual tudo nós fazemos com amor, carinho e sacrifício.

Os grandes lêem atentamente, na escola nova. Aprendem também a Doutrina, doutrina do Senhor. E assim se passa o tempo em nossa Casa, desde que toca para acabar o trabalho, até à hora do terço.

Depois de um dia de trabalho, aprende-se a Doutrina do Senhor. Aquela que Ele prègou a todo o mundo.

— Já na última vez que escrevi, toquei o assunto dos agasalhos. Pois caríssimos amigos não se esqueçam de nós. Os nossos pequenitos por muitos agasalhos que tragam para eles são sempre poucos.

Lembrai-vos deste pedido que eu vos faço. Se tiverem alguns agasalhos em vossas casas que não lhes sirvam, mandai-os para a Casa do Gaiato de Setúbal.

Também não se esqueçam de nós pelo Ano Novo. Cá estamos à espera que os nossos leitores se lembrem de nós, com algumas guloseimas para a malta toda. Muito agradecido.

Vaquinha

TOJAL

Tojal tem de ser anunciado — era a martelada exigente no pensamento há muitos dias.

Anciosamente, esperava a hora em que pudesse escrever. Tinha saudade! Assuntos imensos, até, de reserva. Agradecimentos e pedidos por aí fora; notícias da nossa vida, algumas. Apenas, um querer e não poder. Um ano inteiramente exaustivo em que a insuficiência do tempo folga a deficiência da realização do meu dever. Tenho pena que assim seja. Luta-se com a dificuldade para triunfar.

Tojal em renovação constante. É louvor a Deus a compreensão da vida nossa, o desejo de servir e de formar uma orgânica pura e aprazível. Para a *Unidade* cada um tem-na exigido nos seus actos. Do descanso, confiança e apoio. Fazem cobiça os nossos rapazes. Alguém que nos visita com as mãos no peito exclamou: «Que bons são os Gaiatos»! Não foi uma simples impressão de momento, mas a exigência da convivência contínua connosco. São testemunhas que além de convincentes são aliciantes; são ofensas que não doem. Graças a Deus.

A nossa quinta mesmo neste tempo, está embriagada de beleza! Como está encantador o nosso pomar! Laranjinhas de rebentos sobressaídos no sombreado são no conjunto a tentação para o fruto aos mais pequenos que também têm resistido a ela! São de todos e para todos; compreendem eles muito bem. Em tudo se emprega o «Nosso». Sendo assim que todos quantos encontram laranjas no chão, são ao refeitório levadas e lá distribuidas. Há de facto esta franqueza não julgar diferentemente. Com este proceder invulgar podíamos ter muita laranja se a doença não entrasse no fruto. Não sabemos mesmo se, este ano, chegamos a tomar-lhe o verdadeiro paladar a que todos estamos acostumados. Contudo, não deixam de ser uma tentação porquanto, bonitas por fora e por dentro a maior parte delas com bichos

ção nem de «quê» havia de nos encher o estômago para a noite. Houve quem se encarregasse disso. A Sra. D. Noémia, D. Manuela Gomes e D. Virgínia Guedes apresentaram-se com batatas, couves, arroz, nabos, cenouras, carnes e toca a pôr as mãos à obra. Minhas senhoras muito obrigado e apareçam por cá mais vezes que nos alegramos muito com isso.

As nossas oficinas continuam atarefadas. Peixoto a caminho de Lisboa várias vezes por semana, angaria trabalhos para a Tipografia. Cândido não recusa encomendas de espécie qualquer. Todos os trabalhos próprios se operam. Mandem sempre para não dar folgas ao Cândido.

O Futebol Tojalense em grande ascensão; vitórias somam vitórias à nossa popular equipa.

Grande poder físico e não menos técnico. Dizer de mais é divulgar os segredos técnicos. Fiquemos por aqui. Venham e terão de regressar desalentados com os esbarramentos.

Agora para terminar não se esqueçam da nossa Conferência que está em baixo. Apenas, no prazo de quatro meses, recebemos 90$ para suprir a despesa de 560$. À Fernanda Morais e um desconhecido, muito obrigado. Enviaram os seus 40$ e 50$ respectivamente. O Natal está próximo.

Zé do Porto

LAR DE LISBOA

Lisboa — O vento sopra sempre de qualquer lado e corre sempre de qualquer maneira.

Assim é o Lar de Lisboa, quase, quando nós o queremos.

Centenas de vezes os elogios fazem mal a muita gente.

Pois o nosso Lar após umas temporadas de bom comportamento, voltou a cair onde esteve algum tempo e, quando há pouco voltou à nova situação, sentiu brio e vaidade. Deus queira porém, que isto seja por muito tempo.

Nós os rapazes temos a culpa de tudo quanto se passa no Lar, porque esse Lar somos nós, os que lá nos encontramos, mas também posso dizer, agora, ùltimamente, é mais a fama do que outra coisa, porque tirando uns pequenos lapsos a cada um tudo continua como dantes.

O nosso clube também continua bem. Estamos à espera que os Snrs. nos mandem alguma coisa para as chuteiras, pois pode-se dizer, que é a única coisa que nos falta.

Houve mais eleições para o nosso clube, desta vez livres. O presidente já estava eleito mas foi para certificar diante daqueles rapazes que não acreditavam que ele tinha sido eleito.

— Dirigi-me um pouco mais tarde à nossa biblioteca onde fizemos a provável linha que defrontará os Gaiatos de Setúbal, como segue:

Edgar; Jorge, Manuel e Marques; Noel, e Grilo; Natalino, Júlio, A. José, Lampreia e Benfica. Contra o Tojal, provàvelmente a mesma com a diferença de Serpa e Adelino em vez de outros

Como disse, estamos à espera que alguém nos mande as chuteiras para finalmente irmos a Setúbal e depois com a continuação defrontarmos conhecidos e desconhecidos adversários.

—Devo agradecer uma coisa que nos deram para o dia de S. Martinho em que nos encontramos nnm dia o qual já há muito tempo não tínhamos. Quem deu essa coisa nesse dia já deve estar mesmo a pensar; quem deu isso fui eu! Vamos, portanto descobrir o mistério para quem não sabe. Pois foi nada mais nada menos do que um valente perú o qual saboreámos com muito gosto.

Tivemos mais uma dádiva de um Senhor Padre, que nos disse que era para rebuçados mas, como nós não somos já meninos de tal coisa, o Snr. Padre não deve ficar zangado com a gente, mas nós em vez disso comprámos um garrafão de vinho para toda a malta e para a mais próxima refeição.

Assim termino estimados leitores e sempre na minha dizendo que o Lar é como o vento, além de nós fazermos um pouco do nosso esforço para que o Lar que é hoje o futuro daqueles que lá estão e amanhã daqueles que para lá hão-de ir, não vá abaixo de uma vez para sempre.

O vento também sopra do Norte e do Sul, marés forte marés fraco; ASSIM É O LAR DE LISBOA.

Já levei aos leitores o conhecimento do presidente que continua sendo o mesmo, gosto muito de ser e até de ter esta honra, mas queria, como disse, ter o proveito, portanto não se esqueçam de mandar alguma coisa para o nosso desporto com a sua sede na

Rua dos Navegantes, 34 — r/c
LISBOA — 2 — Telef. 669451

Agostinho Coelho (Lampreia)

PAÇO DE SOUSA

NATAL. Natal. Festa da Família. Festa da união. Alegria. Amor. Dia em que todos sentem que a Ohra da Rua é mais Mãe. Todos gostam muito deste dia que tem para todos, cunho especial, pois uma grande parte não tem Pai, Mãe, abrigo. Há-os até que nem sabem de ninguém, de onde são, nem há rastos de nada, como o caso do Mário Tito que já é um homenzinho.

— Eh pá! Olha as rabanadas!

— Eu vou-lhe atirar, que nem é *farol*...

— O presépio da casa 4, vai ser o melhor, pois o Adolfo já fez os desenhos e tudo está planeado.

Dizem os mais pequenos:

— Porque é o Natal?

— Onde fica? Eu também lá quero ir!...

— Lá vem um carro com *coisas de comer*...

— Olha a *Se Donana* que me vai dar uma bandeira!

VOZ DOS NOVOS. Todos os jovens acolhem francamente e com muita alegria, esta nossa Voz. E até os «velhotes» gostam de lhe pôr o olho em cima. E até as *garotas* que escrevem para o Consultório... Sentimental!

Temos muitos pedidos para assinantes e os redactores ficam contentes:

— O nosso jornal manda chover. Quando tal até da Lua vêm pedidos...

CONFERÊNCIA. O Mendes anda um pouco atrapalhado. É o frio. As festas do Natal e fins do Ano. São os Pobres. Os confrades. As muitas coisas que são precisas.

Que todos se ponham em campo para que não baja tantos azares. Não se *aflitem* que cabe cá tudo. Grande. Pequeno. Mais novo ou mais velho.

Vá, amigos, não deixem o Pobre bater o dente. Não aparece por aí outro «Senhor dos Cobertores»? Quem quer ser o seu herdeiro?

BATATAS. Sem ser daquelas que vamos comer com bacalhau no Natal. Os nossos batatas. Rogério, Laranjinha, Renato... Os cocos mores cá da Aldeia. Andam sempre agarrados à *Se Donaurea* e *Sedona Sofia*... E do *Se Padre Carlos* nem se fala. Cantam a tal dos batatinhas para o animar e assim o vão levando...

— Ó Mãe, eu vi um bicho.

— E eu.

— Até tinha orelhas, não era!

— E depois...

— A gente fugimos assim a correr muito.

— *Ciao ciao bambino*...

FABIÃO. É o Fabião. O *Zé Adorfo*, como lhe chamam os seus rapazes da casa 4. É ele um grande tipógrafo. É um grande brincalhão. Anda sempre a meter material ao bolso dos outros. Outro dia, até amarrou 1 quadrilongo ao Mendes. Já esteve preparado para fazer o mesmo ao *Sepadre Manel*. Ora isto não está certo, pois o trabalho é trabalho. De mais a mais, ele é o coco número um do Snr. Padre António. Já vão sendo horas de mudar seu *Zé da Nela!* Já é um homenzinho e a começar a olhar para a sombra.

O *Quim Pequenito* já vai no mesmo paleio. São dois grandes amigos e lá estão para reinar com os outros.

Cautela com os tipógrafos!

FUTEBOL. No dia 8 de Dezembro foi a inauguração do campo de jogos da Casa do Gaiato de Beire, com muito público a assistir.

Para disputa da taça Calvário, o nosso Grupo Desportivo defrontou o União de Paredes, que ganhou por 4-2. Não havia visitante nem visitado, pois tanto um como outro grupo não conheciam o terreno em que foi disputado o prélio.

Apresentamos a constituição: Ramada; Camurra, Pinheiro e Peniche; Quim I e Daniel; Gaia (Mira), Serafim, Oscar, Rui e Quim II.

Encontro bem disputado, luta de igual para igual. Ganhou o União, como podíamos ter ganho nós. Se o adversário não se encontra na melhor forma, também não é menos verdade que o G. D. Casa do Gaiato joga muito melhor do que aquilo que se viu. Mais rapidez. Remate de qualquer ângulo e pronto. Mais poder de antecipação.

O terreno ainda não estava no seu melhor. Tinha chovido e favoreceu o Paredes que são jogadores mais possantes e nesta altura, mais rodados. Daí o motivo porque quebramos um pouco para o final da partida. Por esse motivo o União merecia ganhar por uma bola de diferença.

Eles tiveram algumas perdidas, mas os nossos avançados viram três remates seus na madeira das balizas, além de 2 golos adversários serem irregulares. Um por fora de jogo nítido e uma grande penalidade injusta que Malaia transformou. O defesa Peniche entrou primeiro na jogada. Desviava-se para a esquerda, enquanto que o adversário lançado em corrida, tropeçou e caiu para dentro da área de rigor.

Mas no critério do árbitro foi e assim o União levou o troféu para a sua sede.

Agradecemos à direcção do União todas as gentilezas e esperamos que estes encontros entre os nossos clubes, sempre proveitosos, se efectuem mais vezes.

CÂNDIDO. O nosso Cândido, ora chefe das Oficinas Gráficas do Tojal. Escreve, aflito, dizendo que não tem trabalho. Trabalho, muito e variado para a sua Tipografia. Que ninguém deixe desgostar o Cândido. Precisamos de novos clientes para que ele não *roube* os das oficinas de Paço de Sousa...

Os mais respeitosos cumprimentos, desejando que passem um Natal próspero e Ano Novo repleto de prosperidade.

Daniel

Cobrança

Mantendo uma tradição que vem do início da nossa Editorial, temos estado a proceder ao envio de um postal a todos os assinantes que receberam o «Pão dos Pobres» e outros livros..., mas se esqueceram do resto. Um esquecimento é tão natural na vida agitada que o mundo atravessa!

Ora, para secundar a nossa ideia, temos por exemplo, esta carta de Lisboa que diz assim:

«Mil desculpas pelo meu atraso na liquidação do «Pão dos Pobres» que em tempos me foi enviado. Em virtude do atrazo, achei por bem pagar juros de mora para o que junto um vale de correio na importância de 40$00. Agradecido pelo aviso que me mandaram, creiam-me muito amigo». Isto é que é amizade e compreensão!

No entanto, mal refeitos desta carta que o Manuel Pinto me passou prás mãos, eis aqui outra do mesmo estilo:

«Acabo de receber o aviso que me chamou à ordem quanto à falta do pagamento do livro. Muito grato pelo referido aviso, pois estou certo que sem ele jamais me lembraria da minha falta. Como penalidade, em vez de 20$00, pagarei 40$00». Esta é a voz do assinante do «Famoso» n.º 28272.

Porém, nem tudo são rosas. Tenho, na verdade, muita pena de não ter aqui à mão respostas com «ensaboadelas». É certo que, algumas vezes, o «Caracol» mai-los seus famosos antecessores são os reis da culpa. Mas uma grande parte dos desencontros são motivados pela falta de atenção dos assinantes da nossa Editorial pró aviso que a gente tem juntado entre a capa e a primeira folha de cada livro expedido, em que pedimos o favor «de nos indicarem com clareza o respectivo nome e morada tais quais vão no rótulo e que são os da ficha». Resultado: se o assinante, ao pagar, não faz o favor de cumprir o nosso pedido, há quase sempre barafunda. Mais: há quem mande dinheiro em vales sem dizer para quê! Assim, a secção de livros não recebe comunicação. A ficha permanece em branco. Chega-se à altura do postal-aviso e temos arrelias.

Aguardamos a boa atenção de todos prós postais e ficamos por aqui.

Júlio Mendes